

MARCOS DEBRITO

NASCE UMA LENDA

O ESCRAVO DE CAPELA

 FARO
EDITORIAL

MARCOS DEBRITO

O ESCRAVO de CAPELA

QUANDO A MORTE É APENAS O COMEÇO PARA ALGO ASSUSTADOR

 FARO
EDITORIAL

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2017

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **CAMILA FERNANDES E TUCA FARIA**

Revisão **GABRIELA DE AVILA**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagens de capa © **ANDREW PROUDLOVE | ARCANGEL**

© **CURAPHOTOGRAPHY | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

DeBrito, Marcos

O escravo de capela / Marcos DeBrito. — Barueri, SP :
Faro Editorial, 2017.

ISBN: 978-85-62409-89-9

1. Ficção 2. Ficção brasileira I. Título.

17-00871

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3



1ª edição brasileira: 2017

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

www.faroeditorial.com.br



BRASIL COLÔNIA, FINAL DO SÉCULO XVIII, ANO 1792

O SOL FORTE DAQUELE DIA ARDERA POR TODA A TARDE na pele negra dos escravos que trabalhavam na lavoura de cana-de-açúcar da Fazenda Capela. O canavial esparramava-se pela vasta planície, estendendo-se além das vistas, e muitos homens eram necessários para lavrar os incontáveis alqueires de cana-de-açúcar daquela terra que não parecia ter fim.

Os peões vigiavam a empreitada dos escravos sobre cavalos fortes, bem tratados e competentes a trotar por várias léguas para perseguir homens que tentassem escapar até a floresta que margeava os limites da fazenda. Quando não estavam montados nos animais, rodeavam o trabalho com peixeiras de corte afiado na cintura e espingardas apoiadas nas costas.

O único homem que, além desses instrumentos, também empunhava um chicote longo, com cinco tiras de couro retorcido na ponta — o bacalhau —, era o capataz responsável pelo trabalho na lavoura. Seu nome era Antônio Batista da Cunha Vasconcelos Segundo, ele, não por coincidência, era o primogênito de Antônio Batista, grão-senhor da fazenda. Aos trinta e cinco anos, no auge de sua força física, Antônio Segundo era temido pelos escravos por sua violência desmedida, que o acompanhara durante os anos de treinamento para assumir o cargo de feitor. Sua falta de controle e a severidade de seus castigos diminuíram o número de trabalhadores, ocasionando gasto desnecessário na compra de novos homens, o que em nada agradava a seu pai.

O chicote em sua mão ritmava a lavragem. Quando percebia que algum escravo não acompanhava a cadência, bastava um estalo do instrumento para que qualquer homem ignorasse o cansaço a fim de não colecionar uma nova estria de sangue nas costas.

Entre os negros que cortavam a cana com as foices amarronzadas pela ferrugem estava Sabola Citiwala, um jovem que fora comprado recentemente e ainda não entendia sequer uma palavra do idioma português. Desconhecendo as regras impostas pelo capataz, ele interrompeu por um momento a labuta para observar a extensão do canavial. Com a mão sobre os olhos, na tentativa de ofuscar a luz que o cegava, buscou sem sucesso o final da plantação. Muitos dias de trabalho seriam necessários para fazer toda aquela colheita.

Sabola reparou nos homens ao seu lado trabalhando em silêncio, focados somente no movimento preciso e incessante dos braços, que ceifavam com força a cana rente ao chão e retiravam as folhas para separar os talos a serem amontoados. O suor excessivo que escorria desses escravos delatava a tarefa como árdua. E pior: seria repetida todos os dias. Ao voltar a atenção para o corte, Sabola resolveu entoar para si uma canção em banto, dialeto nativo de sua região, na esperança de que o ajudasse a passar o tempo.

Foi começar o canto para que uma chibatada desvirginasse aquele dorso nu, que até então desconhecia a ardência de um açoite. Em dor, Sabola virou-se e viu Antônio Segundo enrolando a corda de couro em volta da mão.

— Já não bastassem as aves gritando no mato, ainda tenho que ficar aqui ouvindo essa tua voz de maritaca!? — reclamou o capataz, esperando que o escravo abaixasse a cabeça e voltasse à lavragem.

Mas Sabola não saiu do lugar e o encarou com olhar rebelde.

— Que foi?! Não gostou do chicote? Então abre a boca de novo e cantarola nessa língua de macaco pra ver se o meu bacalhau aqui não vai acabar com a lisura dessas costas. E corta a cana direito!

Apesar de não entender o que o feitor lhe dissera, o tom de ameaça na voz era universal e não poderia ser mais claro. No entanto, Sabola, ainda não familiarizado com a reputação truculenta do filho do grão-senhor, permaneceu irredutível.

— Não está ouvindo, negro?! Volta pro trabalho! — ordenou Antônio Segundo, rispidamente.

A falta de paciência do homem começou a ser percebida pelos outros escravos, que já conheciam o resultado daquele tipo de atrevimento. Os peões, também atentos à ocorrência, acercaram-se do patrão, para o caso de ele precisar de auxílio. O mais próximo era Jonas, o empregado de maior confiança da Fazenda Capela. Fora ele quem preparara Antônio Segundo desde a adolescência para assumir a função de fiscalizar o trabalho dos escravos e aplicar os castigos. Era um homem sério e de poucas palavras, que cumpria à risca tudo que lhe era pedido.

Antônio, irritado com a insubordinação do jovem escravo, caminhou em sua direção para encará-lo com hostilidade.

— Vou falar uma última vez e é melhor você obedecer: pega a foice e corta essa cana! — ordenou-lhe novamente, a apenas um passo de distância.

Com o orgulho mais ferido do que as costas, Sabola segurou a foice com firmeza, com a intenção de usá-la, se fosse necessário.

A ação foi prontamente percebida por Antônio, que, em vez de acuar, deu uma risada desdenhosa.

— Você não é meio miúdo pra ser esse tipo de preto que acha que não vai ter coleira no pescoço? — debochou antes de chamar por seu homem de confiança: — Jonas!

— Patrão — respondeu prontamente, sem sair de onde estava.

— Quem é esse negrinho desaforado?

— Ainda não tem nome. Veio no montão de ontem com teu pai. Está conhecendo o trabalho na lavoura agora.

— Quer dizer que hoje tem preto novo lavrando a terra? — Voltou a encarar o escravo com um sorriso maldoso no rosto. — E onde está nossa educação, Jonas? Precisamos dar a ele as boas-vindas.

Com a mão direita, Antônio Segundo impeliu com violência Sabola para o chão e afastou-se, limpando os dedos na camisa por ter tocado a pele escura do rapaz.

— Eu vou falar só uma vez e que guarde bem quem não quiser ficar no lugar desse preto atrevido depois! — gritou o feitor para todos escutarem. — Vocês são propriedade da Fazenda Capela! Tudo de papel passado e dentro da lei.

Aquele discurso era conhecido pelos trabalhadores aprisionados. Os únicos que não abaixavam a cabeça ao ouvi-lo eram os recém-chegados, que ainda não haviam presenciado as ações truculentas do herdeiro da fazenda.

— Escravo aqui só tem direito a duas coisas — continuou: — Primeiro: não ter direito a nada! E segundo: não reclamar desse direito. Se tem negro que discorda, para quem ainda não sabe, domesticar os selvagens é a função pela qual eu tenho mais apreço.

O chicote desenrolou-se de sua mão:

— Vira! — ordenou ao escravo.

Sabola estava assustado. Apesar de não ter entendido o que o homem lhe dissera, a chibata esticada anunciava uma punição severa.

— Fica de costas, negrinho!

— Ele ainda não fala a nossa língua, patrão — interveio Jonas.

— Então eu estou aqui pra ensinar. — Com o indicador num movimento circular, o feitor ilustrou o mando dizendo pausadamente as palavras: — Vira de costas.

Nada. Sabola, inerte no chão, permanecia com o olhar apavorado. Um outro escravo mais próximo, percebendo o embaraço no rosto do rapaz, resolveu ajudá-lo a entender a ordem e proferiu poucas palavras em dialeto africano:

— Estão querendo que você fique...

— Ô!!! — gritou o capataz, interrompendo prontamente. — Estou aqui na minha boa vontade tentando ensinar alguma coisa pra esse bicho do mato e vem outro preto me cortar a palavra? — Seus olhos furiosos arrostaram o negro apreensivo. — Jonas, dá um jeito no infeliz!

Com um simples movimento de cabeça, Jonas passou a ordem silenciosa a Fagundes e Irineu, que já sabiam o que fazer. Como era notório o gosto singular de Fagundes por aplicar um castigo, foi Irineu quem segurou o negro para o homem espancá-lo com o cabo da carabina na boca do estômago.

— Na Fazenda Capela só se fala língua de gente! — esbravejou Antônio. — Se aqui tem preto de tribo que não fala português, então que fique calado até aprender. Quem for pego conversando em dialeto vai ter que beijar de língua a minha peixeira. E quem interromper de novo a minha aula vai passar a noite dependurado no pelourinho do pátio!

Os escravos sabiam que eram poucos os homens que sobreviviam a uma noite pendurados de cabeça para baixo com os punhos atados e o corpo anavalhado cheio de sal para lhes arder as feridas. Ainda eram deixados inteiramente nus, cobertos por mel para que os insetos noturnos os picassem. Os requintes de sadismo eram infinitos. Restou-lhes apenas observar a execração.

— Eu falei pra ficar de costas, negrinho! — gritou Antônio ao rasgar a pele de Sabola com uma chibatada certa no peito.

Com o torso ardido, o rapaz virou o lombo para cima, como queria o carrasco.

— Viu só como negro aprende rápido, Jonas? É só achar o jeito certo de ensinar.

Sabola, trêmulo, pôs a mão sobre o corte. O ferimento começara a sangrar, mas aquele era apenas o início do espetáculo cruel prestes a ser apresentado.

A ponta do látigo abriu a primeira estria de sangue no dorso desnudo do jovem prostrado. Seu berro foi sentido por todos os negros já marcados por aquele mesmo chicote. O estalo alto do açoite antecedia cada nova chaga que era cavada.

— Se eu perceber que tem negro me olhando torto, fazendo corpo mole na lavoura ou conversando por aí em língua de preto, vai arrumar marca nova de chicote no lombo! — afirmou o capataz sem interromper o açoite. — Aqui na Fazenda Capela, se o escuro não é manso quando chega, depois de uma coça bem dada de laço quero ver se ainda vai ficar posando de valente.

Tendo as costas do escravo como tela, o feitor pincelava de vermelho o seu escárnio. Naquela aquarela abstrata de sangue e suor, a dor encontrava bem o seu contorno.

Sabola não conseguia mais gritar. A consciência já quase lhe escapava quando o sino da pequena capela balançou. O alerta sonoro indicando o início da celebração religiosa foi o que impediu o castigo daquela tarde de se tornar uma execução.

Enquanto recolhia o chicote manchado de sangue, Antônio Segundo ordenou a dois escravos mais próximos que levassem o jovem açoitado. Os homens pegaram o rapaz quase inconsciente pelos braços, o apoiaram

sobre os ombros, com cuidado para não encostar nas feridas, e tomaram o rumo da senzala.

— Aonde acham que estão indo? — perguntou o capataz.

— Para a senzala, meu senhor — respondeu um deles, certo de que aquele seria o destino.

— Não! Ele vai com o resto da negrada para a capela. Não quero os outros falando que eu não sou direito e deixei um preto morrer sem nem ter chance de conhecer a palavra do Divino.

Os escravos se entreolharam e permaneceram parados, aguardando, em vão, uma decisão mais sensata.

— Vou ter que estalar o chicote?!

A ameaça foi suficiente para que os homens pegassem imediatamente a direção contrária e se juntassem aos que já se encaminhavam para a missa. Ninguém desobedeceria ao capataz, ainda mais após a demonstração de brutalidade que presenciaram.

A expressão no rosto de Jonas, ao ver o escravo sendo carregado, com o sangue que escorria pelas costas desenhando uma trilha por onde passava, denunciava que ele discordava da decisão.

— O que foi, Jonas? — indagou Antônio ao perceber a cara do peão.
— Tudo isso é dó do negrinho?

— O patrão bem sabe que eu não tenho pena de escravo. Só acho que seria mais ajuizado preservar a mão de obra.

— Queria que eu deixasse levar o preto pra senzala?

— Se o negro não acordar mais depois de um só dia de lavoura, o patrão sabe que o senhor Batista vai querer saber o que aconteceu.

— Deixe que com o meu pai eu me entendo. Ele sabe que é melhor ter um negro morto do que dando problema — disse ao terminar de limpar o sangue do chicote e enrolá-lo na mão.

Apesar de a afirmação representar com lealdade uma norma estabelecida para o tratamento dos escravos, a medida do que era de fato um problema diferia muito de pai para filho. Para Antônio Segundo, qualquer motivo era suficiente para uma punição mais severa, enquanto para o senhor da fazenda cada caso precisava ser estudado para atribuir uma pena condizente.

Jonas sabia da preocupação de Antônio Batista com a impiedade desmedida do filho e, sempre que tinha oportunidade, buscava orientá-lo quanto a melhor maneira de conduzir o trabalho na fazenda de acordo com as vontades do pai.

— Negro jovem que nem esse pra fazer colheita está difícil de encontrar. É melhor o patrão tomar cuidado pra não perder mais escravo. Senão vai dar motivo para as reclamações do seu pai.

— E o que você queria que eu fizesse, Jonas? — reclamou impacientemente o capataz. — Que tolerasse um negrinho asselvajado me peitando na frente dos outros? Uma coisa que não faço é baixar a cabeça para preto! Se deixar cantarolar hoje, amanhã vão estar por aí conversando no dialeto feio deles, e não vamos entender é nada. Se não ficar em cima, eles tomam a fazenda e a gente nem nota. Estou protegendo o que vai ser meu.

— Não discordo do patrão que o castigo é merecido. Só acho que talvez fosse melhor deixar que levassem o escravo pra descansar. Amanhã ele pode não conseguir empunhar a foice direito.

— Hum... — Antônio Segundo ergueu os olhos para pensar. — Não, esse daí ainda é moço. Se não conseguir cortar cana depois de um carinho no lombo, não vai me servir.

O barulho de uma carruagem aproximando-se da fazenda foi ouvido pelo homem, que declarou o assunto como encerrado. A decisão já estava tomada e não era passível de protesto.

Quando os cavalos encerraram o trote à frente da porta de entrada da casa-grande, Antônio buscou identificar quem chegara com tantas malas sobre o carro. O canavial não era tão distante da morada dos Cunha Vasconcelos, por isso o primogênito da família logo reconheceu o irmão caçula a descer do coche.

Inácio Batista estivera estudando medicina na Universidade de Coimbra, em Portugal, e aquela era a primeira visita que fazia em seus cinco anos de ausência. Assim que ele pôs os pés na terra vermelha da morada natal, a porta principal se abriu, e ele foi recebido com alegria por Conceição, a criada mais antiga da casa. A mulher amparava sobre as pernas seus cinquenta e seis anos de vida suada e um sobrepeso que só poderia ser explicado por tendência. A escrava doméstica adiantou-se para levar as malas do rapaz, mas ele prontamente a impediu de carregar o peso.

Sem desviar o olhar de desprezo orgulhoso com o qual observava o tratamento cordial que o irmão destinava à mucama, Antônio encarregou seu peão de mais uma tarefa antes de se retirar:

— De qualquer jeito, depois da missa você escolhe os escravos mais parrudos para passar a noite no tronco e bota gargalheira nos que chegaram agora. Sempre tem os que se revoltam depois de ver um açoite.

Dito isso, o feitor encerrou o dia de serviço para dirigir-se à casa-grande e se juntar com extremo desgosto ao recém-chegado membro da família.



Na capela que fora erguida junto às primeiras fundações da fazenda, os escravos sentavam-se para ouvir o sermão do padre Silva, que comparecia todo final de tarde para cumprir a obrigação de converter os negros ao cristianismo.

Os rituais africanos eram proibidos, por serem vistos pelos brancos como um festejo maldito de idolatria ao Diabo, e as punições eram severas para quem os praticasse. Como os homens comprados para lavrar o canavial vinham dos mais diferentes lugares da África, com costumes muito distintos que impediam a criação de uma unidade religiosa, a imposição do catolicismo não era tarefa das mais difíceis.

Os negros mais antigos já estavam convertidos. As palavras de Deus, proferidas pelos lábios habilidosos de um sacerdote, tinham forte poder de persuasão nas mentes sofridas que buscavam qualquer tipo de libertação. A celebração da eucaristia era acompanhada por olhares mais atentos do que impacientes. Os ainda incrédulos relutavam, mas sem força. Naquele momento cristão, estavam salvos da humilhação e da tortura; ajudando na construção de uma imagem apaziguadora daquele novo Deus.

— A conversão interior e o contínuo retorno ao núcleo do Evangelho, ao Mistério de Jesus Cristo em sua Páscoa libertadora, precisam ser vividos e celebrados continuamente na liturgia. É aqui que colhemos o fruto da evangelização — exagerava o padre Silva com eloquência desmedida.

O esforço do sacerdote para tornar interessantes as letras que proferia com tanta fé não era sequer ouvido por Sabola. O rapaz estava de corpo

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA KUNST
GRÁFICA EM DEZEMBRO DE 2018